

## SESSÃO CINCO – ECO ESPIRITUALIDADE PARA UMA NOVA ERA

Durante a última semana, olhámos para o contexto da teologia ecológica contemporânea. Vimos como a História do Universo nos fornece uma estrutura científica nova para o pensamento teológico ao tentarmos compreender a crise ecológica e articular uma nova consciência na sua esteira. Todos os que se preocupam com a terra esperam que a humanidade aceite a sua responsabilidade e dê a volta à situação. Tendo em conta a crítica bem fundamentada de que o Cristianismo deve arcar com alguma da culpa pelo modo como nós humanos explorámos e devastámos a terra, olhámos para alguns dos tesouros da nossa herança cristã que nos podem ser muito úteis na construção de um caminho ecológico. Vimos a seguir algumas das formas através das quais os teólogos estão a reformular a doutrina de Deus e ontem foquei-me nalgumas mulheres teólogas, Sally McFague em particular.

Suspeito que muito pouco do que disse ao longo dos últimos dias seja novo ou surpreendente para vós. Penso que já estejam bastante familiarizadas com os temas que abordei. O problema não está na informação. Já conhecemos o que precisamos conhecer. O problema é que não chega conhecer com o pensamento, temos que conhecer com o coração. E assim confrontamo-nos com o problema cristão de sempre: de que forma podemos experimentar a conversão? Como transferimos o conhecimento da cabeça para o coração? Como incorporamos este conhecimento nas nossas vidas diárias? Esta tarefa pertence à espiritualidade e é o tema da minha intervenção de hoje.

Gostaria de sugerir que o Papa Francisco poderá ser um excelente guia para nós. O capítulo seis de *Laudato Si*, “Educação Ecológica e Espiritualidade”, vale bem um estudo e uma reflexão sérias. Começa assim:

*Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa de mudar. Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida. Surge, assim, um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração. (202).*

Analisemos esta afirmação. Falta-nos a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos. Espero sinceramente que isto já não seja verdade para vós, após estes últimos dias. Mas a consciência não chega. Precisa de levar a novas convicções, atitudes e formas de vida. Como chegamos a elas? O longo caminho da renovação. Não existe uma solução mágica. Precisamos de continuar a educar-nos, precisamos de transformar a cultura da indiferença que nos rodeia e, acima de tudo, precisamos de nos transformar a nós próprias.

Francisco aponta o caminho neste capítulo. Ele diz-nos que temos que mudar o nosso estilo de vida, resistir ao consumismo, cultivar uma preocupação desinteressada pelos outros, rejeitar o autocentrismo e a autoabsorção, e avaliar o impacto de tudo o que fazemos sobre o mundo que nos rodeia. Precisamos ultrapassar o nosso individualismo e desenvolver novos hábitos de vida. Por que é isto tão difícil? Não me parece que seja apenas falta de imaginação, que não consigamos imaginar como poderíamos realisticamente viver as nossas vidas de forma diferente na sociedade ocidental do século XXI, embora esse seja sem dúvida parte do problema. Penso que é sobretudo uma questão de espírito. Necessitamos de uma nova consciência espiritual. Francisco está consciente disto quando nos diz, “a crise ecológica é

também um chamamento a uma profunda conversão interior” (217). Fica claro na encíclica que para Francisco é a jornada interior de transformação que deve vir primeiro. Se isso acontecer, então tudo o resto virá naturalmente. É um caso de “Procurai em primeiro lugar o Reino, e tudo o mais vos será dado por acréscimo”.

Gostaria de refletir convosco esta manhã as formas através das quais poderemos procurar fazer esta profunda conversão interior, mas antes disso gostaria de vos dizer aquilo que Francisco acha que são as marcas dessa conversão. Incluem: uma relação saudável com a natureza; reconhecimento das nossas falhas, levando ao arrependimento e a um desejo de mudança; um espírito de gratidão e de cuidado generoso; uma consciência amorosa da nossa afinidade com todas as criaturas; consciência da nossa responsabilidade para com o mundo; consciência de que a criação nos fala de Deus; consciência de que “Cristo tomou sobre Si este mundo material e agora, ressuscitado, está intimamente presente a cada ser, envolvendo-o com o seu afeto e penetrando-o com a Sua luz”; um entendimento alternativo da qualidade de vida; “um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de contentamento profundo livre da obsessão do consumo”; a capacidade de estar completamente presente aos outros; paz interior; e, finalmente, compromisso com a comunidade para agir pela mudança. Como isto é desafiador! Claro que é apenas um resumo de muitas passagens maravilhosas do capítulo 6 da encíclica que, coletivamente, nos apresenta uma visão para uma vida cristã mais autêntica na qual o cuidado pela terra é considerado essencial.

Gostaria de partilhar convosco a reflexão de Elizabeth Johnson sobre a conversão que é igualmente bela. Diz ela: “Em suma, conversão ecológica significa apaixonarmo-nos pela Terra enquanto comunidade viva e intrinsecamente valiosa da qual fazemos parte e fazer todos os esforços para sermos criativamente fiéis ao seu bem-estar, em sintonia com o Deus vivo que a criou e a ama com um amor incondicional... Convertermo-nos à Terra e aos miríades dos seus habitantes nesta altura de aflição é um imperativo moral que nos transforma e nos põe no caminho da generosidade, em ressonância com o Amor que tudo criou e a tudo deu poder” (Johnson, 2014, 259).

Nem vos digo o quanto adiei a escrita da intervenção de hoje. Este é o ponto crucial da crise ecológica: suspeitamos que o que nos é pedido está para além das nossas capacidades, porque os sacrifícios são demasiado grandes. E assim, sentimo-nos incapazes. E se ouvirmos bem, de todas as vozes dos teólogos ecológicos, que precisamos de nos tornar contemplativas na nossa percepção para nos transformarmos a nós próprias, em primeiro lugar, para podermos depois transformar o mundo, o que significa isso em termos reais e práticos? Não sou de forma alguma uma teóloga mística e encontro em mim uma grande resistência em falar sobre isto, e no entanto, acredito que é absolutamente crucial que façamos este trabalho interior. Para Sally McFague, o ponto de partida para os seus santos foi a pobreza voluntária, mas esta adoção da pobreza foi apenas possível porque cada um deles estava profundamente enamorado de Jesus de Nazaré e fazia diariamente o trabalho interior de atenção a essa relação. Trabalho interior diário.

Estou certa que todas nós aqui presentes hoje têm práticas espirituais diárias. Elas fazem parte integrante da vida cristã. Assim como a conversão. Denis Edwards afirma o seguinte sobre a conversão: “Aparece sempre ante nós como um convite e uma graça oferecidos nas novas circunstâncias que enfrentamos” (Edwards, 2006, 108). Numa vida cristã autêntica, a conversão acontece uma e outra e outra vez.

Por isso, ao aprendermos sobre a História do Universo e a história trágica do que nós humanos fizemos à terra, ao aprendermos dos teólogos ecológicos novas perspectivas sobre Deus, a criação e nós próprias, podemos muito bem experimentar um chamamento à conversão. Se experimentarmos o desejo de responder a este chamamento, então inevitavelmente ele nos desafiará a transformar as nossas vidas. Essa foi decerto a minha experiência.

Perguntei-me, “Como é que alguém desenvolve um maior sentido de maravilhamento pelo mundo natural? De que forma é que alguém aprende a parar e a contemplar, a imobilizar-se e a sentir uma afinidade profunda com tudo o que existe? Como é que alguém vive uma vida com mais simplicidade? Como é que alguém cuida do planeta, de forma profunda e consistente?” A questão não era mudar as disciplinas espirituais que já tinha, mas antes levar o meu questionamento até elas. Mas sentia, e ainda sinto, a necessidade de desenvolver novas disciplinas espirituais, de fazer alguma coisa sobre o que considero ser a minha compreensão inadequada da criação e alimentar em mim, tanto um sentido do assombro, como um sentido de comunhão com o mundo natural.

Aquelas de nós aqui que somos católicas sabem que tendemos a ter uma visão sacramental do mundo, que queremos encontrar Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus, mas a natureza foi esquecida na visão católica do mundo algures depois da Reforma e todos fomos afetados por essa falta de memória. Apenas há relativamente pouco tempo é que estamos a redescobrir que a natureza é a primeira revelação de Deus e que merece ser contemplada. Acho muito reconfortantes estas palavras do Bispo Kallistos Ware, um teólogo ortodoxo: “A contemplação de Deus na natureza, afirmar a Presença Divina em todas as coisas criadas em nosso redor, está ao alcance de todos nós... Todos nós somos contemplativos e a contemplação é possível seja qual for o nosso estilo de vida. Ninguém está excluído. Todos podemos afirmar o mundo em Deus e Deus no mundo”. (Narataja, 2011, 55).

Penso que vale a pena refletir sobre a conversão e a contemplação em termos de disciplinas espirituais porque não é apenas através de uma qualquer ação singular, como a leitura de um livro ou um passeio nos bosques, que nos iremos transformar radicalmente – embora essas coisas possam ajudar. Uma disciplina espiritual, seja a prática de uma relação ou uma experiência, precisa de ser intencional, enraizada no nosso desejo por Deus e no nosso anseio por fazer a diferença e, muito importante, precisa de ser praticada regular e atentamente. Por isso, se o nosso desejo é aproximarmo-nos de Deus no mundo natural porque sabemos que não somos muito boas nisso, então temos que encarar a questão com seriedade. Eis o que diz Sallie McFague sobre o assunto:

*... Uma prática cristã da natureza repousa na atitude em relação à natureza que emerge de lhe prestar atenção. Repousa no respeito pela alteridade e preocupação pela sua vulnerabilidade. Esta sensibilidade não se desenvolve ou subsiste a não ser que seja cultivada **diariamente** (meu sublinhado). Assim como devemos estar abertos, presentes, a Deus e ao próximo, assim também o devemos estar para a natureza. Devemos fazê-lo se quisermos trabalhar, um dia de cada vez, ao longo de muitos anos, pela saúde e bem-estar da natureza (Citado em Edwards 2004, 129).*

Diariamente, diz ela. Faz sentido, não faz, que assim como o corpo precise de comida para viver, também o espírito necessite do seu próprio alimento todos os dias. Os nossos espíritos, parece-me, esquecem-se das coisas tão facilmente. Por isso, se eu entro no meu jardim diariamente e lhe dou toda a atenção durante dez minutos para deixar que ele me fale, poderá lentamente ensinar-me alguma coisa do que eu preciso

saber. A este respeito, quase qualquer atividade pode ser tomada como uma disciplina espiritual, desde que os critérios sejam respeitados.

Que podemos dizer desta percepção contemplativa de que os ecoteólogos falam? Joan Chittister é caracteristicamente poética:

*Para se ser contemplativo, é necessário caminhar pela natureza com leveza, estar em sintonia com o ritmo da vida, aprender a partir dos ciclos do tempo, escutar o bater do coração do universo, amar a natureza, proteger a natureza e descobrir na natureza a presença e poder de Deus. Para se ser contemplativo, é necessário cultivar uma planta, amar um animal, caminhar à chuva e professar a nossa percepção de Deus numa vida inteira de estações que palpitam (Illuminated Life: Monastic Wisdom for Seekers of Light, Orbis Books, New York, 2000, p.83 e p. 86).*

Prestem atenção ao que Denis Edwards tem a dizer:

*Uma espiritualidade autenticamente ecológica envolverá uma redescoberta do misticismo. No sentido em que é usada aqui, a palavra misticismo refere-se a uma união pessoal com Deus na oração. Neste sentido, todos os cristãos são chamados a ser místicos. Misticismo ecológico, então, significa encontrar o mistério incompreensível de Deus na beleza sem limites do mundo natural assim como na sua estranheza e alteridade. Será um misticismo que envolva um compromisso constante e vitalício com o bem da Terra. Será um misticismo que dê origem à ação. O caminho da sabedoria não é apenas uma forma de ver, nem apenas a descoberta de uma nova capacidade de sentir a criação não-humana, mas ambas as coisas resultando numa ação pessoal, política e eclesial (Edwards, 2012, 67).*

Ou talvez prefiram as palavras de Elizabeth Johnson sobre o assunto:

*A contemplação é uma forma de ver que leva à comunhão... Através da contemplação, o espírito humano aprende a ver a presença do divino na natureza e a reconhecer que a terra é um lugar sagrado.*

*Através da contemplação, o espírito religioso cresce na consciência de quão profundamente a humanidade está enraizada na terra. Começamos a saber isto por experiência, a sentir nas profundezas do nosso ser que somos parte do universo vivo. Consequentemente, recuperamos a capacidade de comunhão subjetiva com a terra... Consequentemente, a reciprocidade em vez da violação marca a nossa abordagem. Sem o conhecimento da contemplação, que é semelhante à oração, a ação profética em nome da terra ficará aquém da sabedoria necessária para o seu cuidado a longo prazo (Johnson, 1993, 63-4).*

Ou, por fim, poderão gostar da proposta sucinta de David Toolan:

*As práticas espirituais... são seguidas com o fim de registar nos nossos ossos a aliança primordial do arco-íris: Tudo está abençoado; nada se deve perder (Toolan, 2001, 204).*

Mas de que forma atingimos este lugar de percepção contemplativa, onde o sentimos nos nossos ossos? Acho que não podemos escapar ao facto de, embora lá cheguemos, esta ser a jornada de uma vida inteira que requer o sacrifício do nosso tempo e a nossa atenção total. Temos que encontrar por nós próprias práticas de oração contemplativa. Não vejo outro caminho. Diarmuid O'Murchu coloca-o desta forma:

“Encontramo-nos neste momento numa nova conjuntura evolucionária em que poderá ser benéfico recuperar o místico interior... Precisamos redescobrir aquele produto tão raro hoje: a capacidade de estar em silêncio, de estar à vontade com a solidão criativa.” A conclusão dele é breve: “A meditação é um recurso muito oportuno.” (O’Murchu, 2002, 85, 180) Por isso agora gostaria de falar da meditação como um recurso para desenvolver uma nova forma de ver e estar e agir no mundo.

A meditação é a prática da atenção sustentada que pode potencialmente levar-nos até um estado de oração contemplativa. A meditação é a prática contemplativa que é mais vezes recomendada pelos ecoteólogos, meditação que abarque quietude, silêncio e simplicidade. Algumas de vós aqui estão familiarizadas com a Oração Centrada de Thomas Keating. É quase idêntica ao que é conhecido por meditação cristã ensinada por John Main e como é esta que eu tenho vindo a praticar há já oito anos e meio, sinto que posso falar de meditação a partir de uma experiência pessoal autêntica.

Em primeiro lugar, o que é a meditação? Se forem ao *website* da Comunidade Mundial para a Meditação Cristã encontrarão o seguinte: “A meditação é uma prática espiritual universal que se encontra no âmago de todas as grandes tradições religiosas, conduzindo da mente ao coração. É um caminho de simplicidade, silêncio e quietude, que pode ser praticado por qualquer pessoa, de qualquer idade, onde quer que se encontre na sua jornada de vida. Apenas é necessário estar claro quanto à prática e começar – nunca deixar de começar” ([wccm.org](http://wccm.org)).

Por que razão meditamos? Existem muitas respostas para esta questão. Eu diria que meditamos para deslocar a nossa percepção de Deus da cabeça para o coração, deslocar a nossa atenção de nós próprias e dirigi-la para a realidade do momento presente, onde Deus nos espera sempre. Meditamos para ser apenas e ser na presença de Deus. Servimos a Deus, nada esperando nem exigindo. É uma prática de paciência e perseverança, na qual tantas vezes sentimos que a nossa atenção falha e divaga, mas através da qual lutamos para ser fiéis. A meditação é um exercício do coração. Amor é atenção. Atenção é amor. Na meditação aprendemos como amar prestando atenção.

E os frutos da meditação? São os frutos do Espírito, que cuida das nossas almas ao meditarmos e derrama o amor de Deus nos nossos corações. Aprendemos a ser humildes, pacientes e fiéis. Acredito que os frutos da meditação são experimentados de forma única por cada pessoa. O Espírito encontra-se connosco onde estamos e delicadamente guia-nos até onde precisamos ir. Mas será sempre em direção a um maior desapego dos nossos compromissos pessoais e a um maior amor e preocupação pelos outros. Desenvolverá em nós aquele olhar amoroso de que Sallie McFague falava, para que quando pousarmos o nosso olhar sobre a natureza e lhe dedicarmos a nossa atenção pela primeira vez, aprendamos a amá-la e estimá-la em toda a sua alteridade e integridade. A meditação é também uma forma de kenosis, de autoesvaziamento e de desapego. Cria espaço para o Espírito. É uma forma de pobreza e simplicidade que nos transforma para nos tornarmos quem na realidade somos.

Como meditamos? Eis o que diz o website e quando eu tiver terminado de falar, vamos meditar exatamente assim durante 20 minutos. Não há melhor forma de aprender do que fazendo.

*Sente-se. Fique imóvel, com as costas bem direitas. Feche levemente os olhos. Esteja descontraído mas atento. Respire calma e regularmente. Em silêncio, interiormente, comece a dizer a palavra-mantra. Recomendamos a palavra MARANATHA. Pronuncie cada uma das sílabas com igual cadência – MA-RA-NA-THA - escute a palavra à medida que a repete devagar, mas continuamente. Respire normalmente e dedique toda a sua atenção à palavra ao dizê-la em silêncio, delicadamente, fielmente e – acima de tudo – com simplicidade. A essência da meditação é a simplicidade. Não pense nem imagine nada de espiritual ou de outra ordem. Qualquer pensamento ou imagem que surja durante a meditação é uma distração, da qual nos devemos desviar voltando simplesmente à repetição da palavra. Não lute contra as distrações: deixe-as seguir repetindo a palavra fielmente, delicadamente e atentamente e voltando a ela logo que se aperceber que parou de a dizer ou quando a sua atenção se desviar. Medite todos os dias, de manhã e à noite, durante vinte a trinta minutos. Poderá demorar algum tempo a desenvolver esta disciplina e o apoio de uma tradição e de uma comunidade é sempre útil.*

Para mim a prática da meditação é profundamente transformadora e existe uma tradição extensa e rica deste tipo de oração na Igreja Católica. Mas sentar-se imóvel duas vezes por dia e prestar atenção a um mantra não é para todos. O que é fundamental, no entanto, é prestar atenção e fazê-lo como prática regular. Gostaria de sugerir que prestar atenção a Jesus de Nazaré e prestar atenção ao significado da Eucaristia são outras duas práticas produtivas com o potencial de desenvolver em nós uma nova forma de ver.

Não há melhor forma de prestar atenção a Jesus do que, creio, ler os Evangelhos e recomendaria em particular a prática da *lectio divina* que tem uma longa história na igreja. Começou com Origen no século II e foi mais tarde desenvolvida e praticada por monges beneditinos. Foi recomendada aos católicos no Concílio Vaticano II, na constituição sobre as Escrituras, *Verbum Dei*. *Lectio Divina* é uma leitura lenta e meditativa das Escrituras enquanto Palavra viva de Deus, na qual a leitura e a meditação são acompanhadas pela oração e que pode levar à contemplação. É uma forma de nos apaixonarmos por Jesus e de nos adaptarmos cada vez mais ao pensamento de Cristo.

Para os católicos, a Eucaristia é a fonte e o apogeu da vida cristã. Prestar atenção às palavras desta liturgia antiga poderá alimentar a nossa conversão ecológica. Bem, o que sinto pessoalmente, para ser honesta, é que a linguagem litúrgica da missa é profundamente patriarcal e possui uma carga teológica que precisa de ser encarada e examinada. Acredito que a teologia eucarística precisa muito de ser repensada. No entanto, ainda vou à missa duas vezes por semana porque, se prestar atenção, sou tocada pelo chamamento radical do Evangelho e alimentada para partir e servir outros como o próprio Jesus fez, em amor criativo. Monika Hellwig escreveu *The Eucharist and the Hunger of the World (A Eucaristia e a Fome do Mundo)* em 1976 mas as suas palavras ainda ressoam muito poderosas hoje.

*O encontro eucarístico é, de todos os lugares, o mais apropriado para o grito dos oprimidos ser expresso e tido em conta. Jesus crucificado representa antes de mais os marginalizados, desprezados e oprimidos, aqueles que “não contam” e são mantidos fora da vista (socialmente invisíveis), aqueles que são forasteiros e não possuem direitos. Não é possível estar em união com Jesus no momento da sua morte e ignorar os pobres e sofredores deste mundo. Não é possível atravessar o sacrifício da morte de Jesus e entrar na vida de Deus e deixar para trás os pobres e oprimidos do mundo. Aceitar o pão da Eucaristia é aceitar ser pão e sustento dos pobres do mundo (Hellwig 1976, 78).*

Com esta perspetiva em mente, e sabendo que o Papa Francisco disse que a própria terra estava “entre os mais abandonados e maltratados dos nossos pobres” (*Laudato Si*, 2) podemos trazer connosco ao altar a nossa terra ferida e aprender a aceitar que somos chamadas a sacrificar-nos por ela. Hellwig é direta. A Eucaristia interpela-nos a dar a nossa vida pelos outros. Se queremos ser pão para o mundo, então devemos esperar ser comidas vivas. O outro lado da moeda, claro, é que é assim que salvamos a nossa vida. O mistério pascal.

Quando os teólogos dizem que o universo é cruciforme, querem dizer que foram o sofrimento e a morte que levaram à evolução e a uma vida nova. Brian Swimme, ao refletir sobre o facto de o sol transformar 4 milhões de toneladas de si próprio em luz, *cada segundo*, descreve a ação do sol como um autossacrifício, e conclui

*A generosidade humana só é possível porque no centro do sistema solar uma generosidade estelar magnífica emite energia grátis dia e noite sem parar e sem se queixar e sem a mínima hesitação. É esta a índole do universo. É esta a índole da vida (Swimme, 1996, 44).*

É uma imagem linda. Não tenho tanto a certeza de que os animais e as plantas possam ser considerados generosos quando dão as suas vidas para alimentar outros, mas é certamente verdade que a vida se alimenta da morte de outras vidas. O grão de trigo morre na terra para produzir mais trigo, que é moído em farinha para fazer pão que dá vida. As uvas são esmagadas para se tornarem vinho. Que significado tem quando Jesus toma pão na sua última ceia, sabendo que vai ser crucificado, e diz “Este é o meu corpo”? Quando toma o cálice e diz “Este é o cálice do meu sangue”? Em cada consagração debato-me com estas palavras e o seu significado para a terra. Jesus está a identificar-se com a terra que produz fruto e com o trabalho das mãos humanas que prepara comida para ser ingerida? Acho que sim. Debato-me com o que isso poderá significar.

Sallie McFague – essa mulher maravilhosa – não tem dúvidas sobre onde nos leva a vida de kenosis, de autoesvaziamento. No último capítulo de *Blessed are the Consumers*, propõe que pensemos no alimento como o símbolo mais apropriado de uma ética ecológica contemporânea, alimento “entendido de forma o mais inclusiva possível – como tudo o que seja necessário para sermos criados, sustentados e crescermos, desde o ar que respiramos e as calorias que consumimos ao alimento do nosso pensamento que alimenta a nossa imaginação, as nossas esperanças, as nossas alegrias” (McFague 2013, 210). Desta forma, todas as nossas decisões, tanto grandes

como pequenas, seriam guiadas pelo desejo de ver que estas necessidades estão ao alcance de todos no mundo de uma forma que também cuida da terra. Mas pensar na justiça e sustentabilidade em termos de alimento enquanto símbolo traz-nos à Eucaristia, não é. “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”, rezamos ao nosso Pai. E Jesus oferece-se a nós na forma de pão, o seu corpo partido para nós, o seu sangue vertido. Assim como Jesus é alimento para nós, assim nós devemos ser alimento para outros. Reunimo-nos no início da missa para nos recordarmos de quem somos e aquilo que somos chamados a ser, para sermos alimentados e revigorados e a seguir somos enviados a alimentar outros.

Não devemos esquecer que a nossa percepção contemplativa inclui a ação das nossas vidas. Com isto, quero dizer muito mais do que a ação politicamente comprometida que tomamos sobre questões específicas nas nossas comunidades locais e globais, embora esta ação politicamente comprometida seja imensamente importante. Quero dizer a totalidade das nossas vidas. Desde que o Papa Francisco nos convocou abertamente a modificar o nosso estilo de vida na sua última encíclica, sugeriria que esta é uma boa altura para voltar o foco para a forma como vivemos e refletir profundamente sobre a razão pela qual vivemos da forma como vivemos, criticar esse estilo de vida e fazer as modificações necessárias para viver uma vida muito mais em sintonia com a terra. Isto não é trabalho para uns poucos dias ou semanas ou mesmo meses, mas algo para nos comprometermos para o resto das nossas vidas.

Estamos encurralados de muitas formas pela sociedade em que vivemos. O empreendimento de mudar as nossas vidas pode parecer impossível. Uma boa forma de começar pode ser perguntarmo-nos o que constitui uma boa vida. Denis Edwards sugere que incluamos “relações amorosas, passar tempo com amigos, trabalho significativo, contribuir para a vida comunitária, educação permanente, música, uma vida criativa, encontrar alegria nos pássaros, árvores, desertos, florestas e praias, e as nossas viagens espirituais pessoais e comunitárias” (Edwards 2012, 67). Estas são algumas das necessidades que temos para uma vida próspera, embora, notem, que alimentação, vestuário e abrigo foram tomados como certos nesta lista. Num mundo em que tantas pessoas veem negados os direitos básicos de alimentação, vestuário e abrigo, não podemos perder de vista o facto da História do Universo nos convocar a ver a criação como uma comunidade na qual todos são convidados a prosperar. Francisco avisa-nos que “Não pode ser autêntico um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos” (91). Ele toma grande cuidado em ensinar-nos que justiça para os pobres e preocupação pela natureza estão inextricavelmente ligados. Elizabeth Johnson resume-o muito bem no final *the Ask the Beasts*:

*...compromisso com integridade ecológica em parceria com uma ordem social mais justa é a vocação que melhor corresponde à intenção amorosa de Deus para o nosso canto da criação. Todos nós partilhamos o estatuto de criação; todos nós somos parentes na comunidade de vida em evolução que está agora debaixo de cerco; a nossa visão deve ser uma de prosperidade para todos (Johnson 2014, 285).*

De que forma damos a volta às nossas vidas? Devemos começar por uma profunda conversão interior, mas a determinada altura já não podemos fazer muito enquanto indivíduos. É por isso que Francisco afirma que “a conversão ecológica, que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura, é também uma conversão comunitária” (219). Por isso penso que o Graal, enquanto comunidade, tem tanto a oferecer ao mundo neste momento. Enquanto comunidade podemos educar-nos e apoiar-nos umas às outras, mas podemos também educar o mundo à nossa volta. Gostaria de dar um exemplo apenas. Stephanie Kaza, uma professora budista de Estudos Ambientais na Universidade de Vermont, sugere que comecemos por estarmos atentas ao que comemos. Ela coloca algumas perguntas que deveremos colocar-nos sobre o que comemos:

- De onde vêm os alimentos?
- De que preciso realmente?
- Qual é o meu justo quinhão?
- Como é que as minhas escolhas têm impacto na comida disponível para outros?
- O que foi ou quem foi prejudicado na produção dos alimentos?

Para além de tudo o mais que fazemos, todos nós comemos e, se o pudermos fazer conscientemente, as nossas refeições podem tornar-se uma prática espiritual que enriquecerá as nossas vidas (Kaza 2013).

Estas questões são mais bem exploradas em grupo, com possibilidades desconhecidas para ações individuais e comunitárias. Podem ser aplicadas a praticamente tudo o que compramos e lembrem-se que o Papa Francisco disse, “cada pessoa deveria ter a consciência que ‘comprar é sempre um ato moral - não simplesmente económico’” (Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 2015). A reflexão comunitária pode ensinar-nos a tornar as nossas casas ecológicas, assim como as nossas escolas, igrejas e empresas locais, mas também precisamos da comunidade para construir aquelas redes regionais, nacionais e internacionais que tão necessárias são para desafiar e mudar as estruturas corruptas de poder que destroem o nosso planeta e oprimem os pobres.

Tentei dar algumas respostas às minhas questões iniciais: como podemos experimentar a conversão? Como passamos o nosso conhecimento da cabeça para o coração? Como incorporamos este conhecimento nas nossas vidas diárias? Não existe qualquer projeto para o modo de o fazer e cada uma de nós deve encontrar o seu próprio caminho, mas não duvidem que a nossa fé cristã tem recursos abundantes para nos ajudar e recordar a importância da comunidade, seja onde for que a encontremos.

“O longo caminho para a renovação”, para usar as palavras do Papa Francisco, tem a ver com nada menos que transformar o mundo. A crise ecológica é certamente uma crise de proporções avassaladoras e é tentador refugiarmo-nos na nossa sensação de impotência e viver numa forma ou outra de negação. No entanto,

sabemos que crise significa também oportunidade. A terra clama. Os pobres e os despojados deste mundo clamam. Na realidade ou prosperamos todos ou perecemos todos em conjunto. Nunca houve outra época tão crucial para mudar o mundo!

A visão da nossa comunidade Graal foi sempre de transformação, construir uma sociedade universal de justiça, paz e amor. Não é assim tão difícil para nós alargar essa visão para além da humanidade a toda a comunidade da Terra. A dificuldade maior reside em imaginar como seria esse mundo sustentável de justiça, paz e amor e o que poderíamos fazer para o conseguir. O que *devemos* fazer é começar. Mais do que nunca, precisamos da coragem de nos preocuparmos.

Gostaria de terminar com as palavras de Elizabeth Johnson que foi uma tão grande luz que me guiou ao preparar estas intervenções:

*Uma humanidade próspera num planeta florescente em espécies num universo que vai evoluindo, tudo repleto da glória de Deus: é esta visão que nos deve guiar nesta altura crítica de aflição da terra, para termos um resultado prático e crítico. Ignorar esta visão mantém as pessoas de fé e as suas igrejas presas numa irrelevância enquanto um drama terrível de vida e morte se desenrola no mundo real. Em contraste, viver a vocação ecológica no poder do Espírito faz-nos partir numa grande aventura da mente e do coração, expandindo o repertório do nosso amor (Johnson 2014, 286).*

## Leituras da Sessão Cinco

### Denis Edwards, “Planetary Spirituality: Exploring a Christian Ecological Approach”

O que acho que necessitamos para o século XXI é aquilo a que poderá chamar-se um misticismo de prática ecológica. Teólogos da libertação e teólogos políticos reconheceram que os que estão empenhados na causa da libertação precisam de ser tanto políticos como místicos e o mesmo acontece com os que estão empenhados no bem da comunidade de vida na Terra. O misticismo pode permitir-nos esperar contra a esperança, agir com integridade e amor na esfera política e na esfera pessoal em tempos de adversidade e fracasso, até à morte e incluindo a morte. Edward Schillebeeckx afirma que o misticismo parece, nos tempos modernos ‘ser alimentado sobretudo na e através da prática da libertação’. Os que estão empenhados numa nova forma de estar na Terra descubrem a mesma necessidade de arrependimento e conversão, o mesmo ascetismo, as mesmas noites escuras, como no misticismo contemplativo. Diz ele: ‘Sem oração ou misticismo, a política depressa se torna cruel e bárbara. Sem amor político, a oração ou misticismo depressa se transforma em interioridade sentimental ou descomprometida.’

Compromisso com os pobres e compromisso com o bem-estar da vida neste planeta devem andar juntos como duas dimensões interrelacionadas da vocação cristã única. A conversão ecológica não está em oposição, mas intimamente ligada à conversão pelos pobres. A conversão ecológica, assim como a conversão pelos pobres, necessitará de incluir tanto o político como o místico, e descobrir o místico precisamente no político.

Como seria então um misticismo de prática ecológica, o caminho da Sabedoria? A minha sugestão é que possa abarcar algumas deste tipo de experiências:

- A experiência de envolvimento na beleza absoluta do mundo natural, quando isso leva a um assombro e a uma alegria que parecem ilimitados.
- A experiência de aprender a contemplar o que está diante de nós com um olhar amoroso.
- A experiência de tudo ser dádiva.
- A experiência de nos vermos como nascidos e dependentes de 13,7 biliões de anos de história do universo em evolução e em expansão, e produto de 3,7 biliões de anos de história da evolução da vida na Terra.
- A experiência do mundo natural como *outro*, de sermos avassalados pelas forças naturais, pelo tamanho e idade do universo e de sermos levados muito para além das zonas de conforto humanas para um mistério que nos ultrapassa.
- A experiência de se ser chamado para a conversão ecológica, de reconhecer outras criaturas da Terra como parentes, de ficar a saber que cada um tem o seu valor próprio e a sua integridade própria.

- A experiência de se sentir subjugado pela complexidade da crise ecológica, de se sentir talvez perto do desespero, mas viver e agir ainda na esperança.
- A experiência de conversão do modelo individualista e consumista na simplicidade da ‘vida abundante’ e conhecer nisto a verdade de Deus.
- A experiência de compromisso com o bem de toda a comunidade da Terra e com a conservação do mundo natural para as gerações futuras, a qual tem o carácter de um compromisso para toda a vida, que podemos reconhecer como pura graça.

### **Elizabeth Johnson, “Women, Earth and Creator Spirit”**

A oração contemplativa é uma experiência de percepção íntima da presença de Deus. Esta experiência chega sempre, se chegar, como uma graça inesperada e é sempre uma dádiva de Deus e nunca produto das nossas ações. No entanto, tem de haver algum tipo de atenção sustentada da nossa parte que nos disponha a receber esta dádiva.

### **Laurence Freeman (World Community of Christian Meditation)**

A experiência contemplativa consiste simplesmente em estar completamente consciente no momento presente. Para meditar não temos de saber usar técnicas ou teorias difíceis. Temos apenas de estar confortáveis e acordar.

### **Donna Mulhearn (Ativista pela paz australiana)**

À luz da crise ecológica que o mundo enfrenta, a meditação não é geralmente encarada como estando no topo da lista de respostas. Mas talvez devesse estar.

A partir dela pode surgir uma maior sensibilidade às necessidades da comunidade não-humana, um desejo de viver em comunidade com a natureza, não de a dominar, de viver numa maior simplicidade, de forma mais sustentável e de agir contra políticas e práticas que degradam a terra. Através deste sentido de ligação e do trabalho de prestar atenção, a meditação pode ser o catalisador para a conversão ecológica e fornecer energia para uma contínua e sustentável ação pelo ambiente.

Eu própria, e outros que alimentam uma espiritualidade contemplativa através de uma prática diária de meditação, testemunham uma mudança na percepção ao longo do tempo. Esta nova percepção abrange uma

consciência mais profunda de quem somos realmente e da nossa ligação a toda a comunidade da terra.

Inspira as minhas ações pelo ambiente: um esforço concertado para viver de forma mais simples e reduzir o consumo para a fase de 'quase nada novo', investindo em melhorar a minha casa para assegurar que é mais eficiente em relação à energia, terminando cursos de permacultura para reparar solo degradado e cultivar alimentos 'trabalhando com a natureza, não contra ela'. Juntamente com a redução da minha pegada ecológica, acredito que é essencial investir o meu tempo e energia em ações e defesa de direitos juntamente com outros para desafiar os grandes poluidores, governos e corporações.